



X Congresso Português de Sociologia
*Na era da “pós-verdade”? Esfera pública,
cidadania e qualidade da democracia no
Portugal contemporâneo*
Covilhã, 10 a 12 de julho de 2018

Secção/Área temática / Thematic Section/Area:
Sociologia da Educação / Sociology of Education

Um olhar sociológico sobre a praxe académica **A sociological look at student hazing**

SILVA, José Pedro; EPIUnit - Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto; Rua das Taipas, nº 135, 4050-600 Porto; j.silva.pedro@gmail.com

MINEIRO, João; Centro em Rede de Investigação em Antropologia - Polo ISCTE; Av. Das Forças Armadas, Edifício ISCTE-IUL, sala 2w2, 1649-026 Lisboa; joamineiro6@gmail.com

ESTANQUE, Elísio; Centro de Estudos Sociais – Universidade de Coimbra; Colégio de S. Jerónimo, Apartado 3087, 3000-995 Portugal; elisio.estanque@gmail.com

SEBASTIÃO, João; Centro de Investigação e Estudos de Sociologia – Instituto Universitário de Lisboa; Av. Das Forças Armadas, Edifício ISCTE-IUL, 1649-026 Lisboa; joao.sebastiao@iscte.iul.pt

LOPES, João Teixeira; Instituto de Sociologia da Universidade do Porto; Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto, Portugal; jnteixeiralopes@gmail.com

Resumo

A praxe académica é um fenómeno social complexo e multidimensional, com raízes históricas antigas, mas permanentemente reinventado. Dele fazem parte um conjunto de práticas ritualizadas através das quais, anualmente, vários estudantes do ensino superior recebem a maior parte dos novos alunos das suas instituições ou cursos. Ainda que apresentem traços que lhes conferem unidade, permitindo a identificação de um conjunto de características nucleares da praxe, essas práticas são heterogéneas e apresentam variações nos diversos contextos em que ocorrem. Enquanto alguns rituais de praxe enfatizam o poder dos estudantes mais antigos e a submissão e disciplinarização dos recém-chegados, outros apresentam uma importante componente festiva e hedonista. Partindo da ideia de que os rituais, quando consequentes, contribuem para a construção da realidade social, esta comunicação analisará os efeitos duráveis que a praxe, através da sua dupla face acima referida, produz no universo estudantil.

Palavras-chave: Ensino superior; estudantes; praxe académica; ritual

Keywords: Higher education; students; student hazing; ritual

XAPS-87493

1. Introdução

Desde que foi recuperada com sucesso em Coimbra no final da década de 1970 e no início da década seguinte, tendo-se depois expandido e consolidado por todo o país ao longo das duas últimas décadas do século passado (Lopes, Sebastião, Estanque, Mineiro, & Silva, 2018), a praxe afirmou-se como um fenómeno que se repete ano após ano, marcando a realidade da transição para o ensino superior de um grande número dos jovens que alcançam esse patamar de ensino. São igualmente bem conhecidas as controvérsias inflamadas que, sobretudo no mundo estudantil mas também fora dele, a praxe vem alimentando ao longo dos anos. Para aqueles que a defendem, a praxe será um conjunto de práticas inócuas que visam integrar os estudantes que chegam do secundário numa nova realidade, formar entre estes um espírito de grupo, transmitir-lhes um conjunto de costumes estudantis tradicionais, e ajudá-los a amadurecer e fortalecer o carácter, preparando-os para as adversidades que terão de enfrentar não só na instituição de ensino superior onde escolheram prosseguir os seus estudos como, depois disso, na sua vida profissional. Porém, para os seus opositores, ela consiste num exercício de poder arbitrário, numa forma de violência injustificada e intolerável, e numa prática antidemocrática que alimenta a obediência acrítica. Crescentemente apresentada pelos *media* e até pelo poder político como um problema social relevante em anos recentes, o que não se dissocia do acontecimento de 2013 que ficou mediaticamente conhecido como “tragédia do Meco”, ela encerra igualmente alguns problemas sociológicos de grande interesse.

A proposta de olhar a praxe académica através de uma lente sociológica abre uma multiplicidade de possibilidades analíticas. Como bem nota Frias (2003), ela é multidimensional e complexa, um fenómeno social total que atravessa múltiplas dimensões do tecido social. Não obstante, a nossa preocupação central, nesta comunicação, consiste em analisar as interações repetidas e programadas que decorrem nesse quadro muito próprio que é a praxe académica e nos efeitos sociais que delas decorrem. Esta comunicação, que não se separa de um trabalho de investigação de maior envergadura sobre a praxe académica (Lopes, Sebastião, Estanque, Mineiro, & Silva, 2018), irá debruçar-se sobre as interações entre estudantes, revestidas de um grau assinalável de formalização e padronização e associadas a uma forte carga simbólica, que ocorrem em diversos tipos de atividades de praxe observáveis no espaço público. Dito de outra forma, iremos examinar a “praxe-ritual”, e não a “praxe-negócio” ou a “praxe-tradição”, entre outras possibilidades analíticas para uma reflexão sociológica

sobre este fenómeno. Partiremos do conceito de ritual e da ideia, desenvolvida ao longo dos anos por múltiplos antropólogos e sociólogos, de acordo com a qual os rituais contribuem para construir a realidade social, estruturando relações, transmitindo crenças e produzindo efeitos que em muito transcendem o enquadramento espaço-temporal em que decorrem. Assim, o nosso objetivo fundamental consiste em descrever, caracterizar e analisar, de uma forma teoricamente informada, as referidas interações ritualizadas que ocorrem entre estudantes em praxe, o que nos permitirá compreender o modo como estas geram efeitos duradouros que fazem da praxe mais do que uma mera encenação de jogos de poder entre estudantes relativamente anódina.

2. Enquadramento Teórico

Poder-se-á argumentar que olhar para a praxe a partir das interações ritualizadas que ocorrem ao longo do ano entre os seus protagonistas é um exercício que reduz a sua complexidade, deixando de fora da análise várias dimensões importantes do fenómeno. Esta é uma objecção válida, no entanto, é sempre necessário delimitar o problema que o fenómeno em observação encerra e sobre o qual o olhar sociológico vai incidir. E este é um ângulo que nos permite perceber como é que a praxe contribui para construir o mundo social dos estudantes, estruturando grupos diferenciados e consolidando as suas identidades, alimentando visões do mundo e posicionamentos face ao mundo e sedimentando disposições. Isto significa que olhar a praxe enquanto ritual permite compreendê-la, e também aos seus efeitos, para além da oposição maniqueísta - integração *versus* barbárie - que perpassa de grande parte do debate sobre este fenómeno.

Por outro lado, é também possível utilizar o argumento de que o recurso a um conceito como o de ritual, habitualmente associado à explicação da reprodução social, comporta o risco de reduzir a praxe, *a priori*, a um mecanismo de reprodução. Esta dificuldade, no entanto, não nos parece totalmente verdadeira, na medida em que poderá ser ultrapassada através da proposta teórica que informará a utilização do conceito.

Não somos os primeiros a abordar a praxe enquanto um conjunto de práticas ritualizadas. De facto, ela é frequentemente descrita como um ritual de iniciação e passagem (Dias & Sá, 2014) (Dias & Sá, 2013) (Nunes, As praxes académicas de Coimbra: uma interpretação historicoarqueológica, 2004) (Revez, 2000) (Ribeiro, 2000), através dos quais os novos estudantes, ou caloiros, são despojados da sua anterior

identidade e mantidos à margem do grupo, antes de finalmente renascem como membros de pleno direito deste último, percorrendo assim um caminho marcado por três fases há muito identificado por Van Gennep (1909) como característico deste tipo de rituais. Este processo de transformação do estatuto e da identidade do caloiro é marcado pelo exercício de poder arbitrário e autojustificado dos estudantes mais antigos através de um conjunto de jogos, provas e testes onde a violência está habitualmente presente de diversas formas e em diferentes graus de intensidade. Esse poder é essencialmente simbólico (Bourdieu, 1989a) (Bourdieu, 1989b), isto é, resulta de uma relação de poder capaz de se apresentar aos dominados como um estado de coisas natural e universal, logo, capaz de mascarar de forma eficaz a sua natureza arbitrária. Por nossa parte, e retendo a importância das relações de poder hierárquico e frequentemente violento que marcam a praxe, procuramos aqui descrever os aspetos comuns das práticas ritualizadas que compõem aquele fenómeno e perceber de que modo elas inculcam e reforçam disposições e produzem efeitos que transcendem o seu contexto, recorrendo para isso à proposta teórica sobre os rituais de interação de Randall Collins (2009). Inspirando-se nos contributos de Durkheim para o estudo do fenómeno religioso e nas análises de Goffman sobre as interações enquanto rituais, que procura combinar, aquele sociólogo argumenta que as interações ritualizadas em que os indivíduos se envolvem têm de obedecer a um conjunto de condições para poderem ser bem-sucedidas e, conseqüentemente, eficazes na produção de efeitos sociais. Deste modo, os rituais que obtêm sucesso são caracterizados pelo agrupamento dos seus participantes num mesmo espaço e de uma forma em que cada um deles não consegue ignorar a presença dos outros (ou seja, implicam co-presença), pela demarcação clara entre participantes e não participantes no ritual, orientação dos presentes para um foco de atenção único, e a partilha, entre todos os participantes, de um estado emocional comum. Os rituais que reúnem estas condições geram uma experiência de partilha coletiva de energia emocional intensa, ou seja, aquilo a que Durkheim chamou “efervescência coletiva” (2002 [1912]). Por sua vez, esta produz sentimentos de solidariedade e pertença entre os participantes do ritual, tanto mais fortes quanto mais intensa for a energia emocional produzida e partilhada, e que são ancorados em símbolos sagrados consagrados pelo próprio ritual. A experiência emocional de participar num ritual bem-sucedido, que, segundo Collins, pode atingir graus de intensidade muito elevados, está ainda na origem de um sentimento de virtude moral

que se traduz, depois, na defesa convicta daquilo que é tido como moralmente correto pelo grupo e na condenação da sua transgressão.

Os efeitos sociais produzidos por esta cadeia não são negligenciáveis e a sua magnitude é maior no caso dos rituais emocionalmente mais intensos. Neste sentido, os rituais são identificados como os produtores dos significados simbólicos partilhados que sustentam a confiança social; ao mesmo tempo, porque estabelecem fronteiras entre quem lidera e quem obedece, por um lado, e entre quem neles participa e deles se encontra ausente, por outro, também funcionam como ferramentas de dominação. No entanto, são também os laços sociais que resultam dos rituais bem-sucedidos que unem pessoas e grupos em momentos de mudança social, tornando possível a ação coletiva transformadora.

Collins distingue ainda entre rituais espontâneos, que dispensam protocolos padronizados, e formais, que são orientados por procedimentos bem definidos e normalizados. Ainda de acordo com este autor, os segundos, entre os quais se encontra a praxe, são mais eficazes no que diz respeito à produção de símbolos partilhados e sentimentos de pertença ao grupo.

3. Metodologia

Como já referimos, a presente comunicação encontra-se enquadrada no âmbito de um estudo sociológico de maior amplitude sobre a praxe académica em Portugal (Lopes, Sebastião, Estanque, Mineiro, & Silva, 2018). Trata-se de uma investigação que combinou métodos quantitativos (um inquérito por questionário de dimensão nacional às várias unidades de ensino superior e associações académicas e de estudantes do país) e qualitativos (estudo da praxe em seis cidades do país – Lisboa, Porto, Coimbra, Bragança, Covilhã e Beja - com recurso a entrevistas semi-estruturadas com estudantes e ex-estudantes, dirigentes associativos, autoridades académicas; grupos focais com estudantes e dirigentes associativos; observação direta de atividades de praxe; análise de documentos relevantes, designadamente diversos códigos de praxe). A vertente qualitativa do estudo implicou a realização de trabalho de campo durante os primeiros meses do ano letivo de 2016-2017, durante um período relativamente curto, se considerarmos os padrões da investigação etnográfica, mas de grande intensidade. De facto, nesse período foram realizadas 42 entrevistas e 6 grupos focais, para além de seis dezenas de sessões de observação direta. Desta aproximação intensiva ao fenómeno

resultou um amplo volume de dados, permitindo-nos descrever e interpretar diversos tipos de rituais de praxe, bem como apreender os vários significados que sobre eles constroem não só os seus participantes, mas também estudantes que os rejeitam, dirigentes do movimento associativo estudantil e dirigentes académicos.

Esta comunicação recorre essencialmente aos dados recolhidos a partir da observação de diferentes atividades de praxe e das entrevistas conduzidas com estudantes. A observação permitiu-nos fazer uma descrição etnográfica dessas atividades que procurava não só descrevê-las em detalhe como igualmente classificá-las, demonstrando como, apesar da sua assinalável diversidade, persistem entre elas diversos aspetos comuns, extremamente importantes na sua estruturação, que nos permitem de falar de um conjunto de práticas ritualizadas classificáveis como “praxe”, não obstante a diferenças, por vezes bastante evidentes para o observador, que entre elas se verificam. Por sua vez, as entrevistas foram fundamentais para apreender e interpretar os significados construídos por diversos intervenientes do campo universitário a propósito dessas práticas. Utilizando esses dados, descreveram-se e reclassificaram-se as diversas atividades de praxe em duas categorias apenas, usando como elemento de classificação a lógica de interação predominante, das duas que marcam a praxe de forma mais visível: a disciplina e o hedonismo.

4. Resultados

4.1. A praxe enquanto conjunto de rituais

Como já deixámos antever na secção anterior, e para sermos precisos, a praxe, mais do que como um ritual, deve ser vista como um conjunto de rituais – ou seja, de interações com um certo grau de estruturação que se caracterizam por co-presença de vários indivíduos, atenção e estados emocionais partilhados e fronteiras de demarcação face a quem não participa no ritual. Deste conjunto de rituais fazem parte interações de natureza disciplinar em que, através de atividades padronizadas, repetitivas, planeadas e reguladas, os estudantes mais novos se submetem ao poder exercido pelos mais velhos, e interações hedonistas que decorrem num ambiente mais leve e menos controlado em que, mesmo ainda sendo visível o poder de quem está há mais tempo no ensino superior, há espaço para a espontaneidade dos vários intervenientes. Entre as várias dimensões que nos permitem construir tipologias das várias práticas de praxe, esta é a mais importante, uma vez que reflete uma diferenciação (mas não oposição

total, como iremos ver e ao contrário do que inicialmente poderá parecer) entre duas lógicas fundamentais que operam na praxe: uma lógica do exercício de poder e da disciplinarização dos participantes, e uma lógica festiva, com tudo o que isso implica em termos de convivialidade e excesso hedonista. Em segundo lugar, porque cada um destes grandes tipos de interações de praxe se subdivide em múltiplas interações concretas. De fato, mesmo no interior de cada um destes dois tipos de praxe, as atividades em que os estudantes se envolvem são substancialmente distintas. E, em terceiro lugar, porque aquilo que efetivamente se faz na praxe de cada academia, de cada universidade e mesmo de cada curso não deixa de variar muito e de muitas maneiras, isto apesar da existência de importantes marcas de unidade que configuram um fenómeno comum, se bem que variável. Aliás, esta variabilidade chega mesmo ao nível individual: diferentes praxistas têm diferentes formas de estar (mais agressivos, mais tranquilos, mais zombeteiros...), preferências divergentes sobre as atividades a que se deve dar prioridade e ainda opiniões distintas sobre aquilo que é aceitável e que não é aceitável fazer aos caloiros no contexto da praxe.

Apesar de todas as possibilidades de variação já enumeradas, encontramos, em todos os momentos de praxe observados, e, para além da já referida coexistência de momentos de natureza disciplinar com outros mais hedonistas, certos traços comuns que formam aquilo que poderemos designar como um núcleo central das características da praxe: uma hierarquia fundada na antiguidade que distribui de forma assimétrica o poder entre os estudantes mais antigos e os caloiros; a presença de vários tipos de violência, em intensidade variável; a valorização de práticas e símbolos considerados uma tradição específica dos estudantes do ensino superior, ainda que uns e outros estejam sujeitos a um processo de reinvenção permanente; a preocupação em fazer de quem chega um elemento do grupo, transmitindo-lhe um conjunto de valores e normas considerados importantes e procurando criar um sentimento de união; a exibição de marcas identitárias que separam, por um lado, estudantes posicionados de forma distinta na hierarquia da praxe e, por outro lado, estudantes e não estudantes. Para além disso, mesmo variando em diferentes locais, quer os momentos de imposição de poder como os momentos festivos apresentam muitos aspetos comuns, que iremos agora descrever.

4.2 A “praxe disciplinar”

Os momentos disciplinares da praxe são marcados por interações padronizadas, repetitivas e planeadas. Nestes momentos, o que acontece é que os estudantes mais velhos ordenam aos mais novos que executem ações por si escolhidas, muitas vezes previamente planeadas, devendo, no entanto, respeitar certas regras enquanto o fazem: falar apenas quando recebem indicações dos colegas mais velhos para o fazerem, não rir nos momentos em que devem permanecer sérios, saudar e responder aos mais velhos de forma reverencial e padronizada, manter a postura corporal indicada pelos segundos (em pé, sentados, de joelhos...). Da mesma forma, devem-se distribuir e movimentar pelo espaço de acordo com as determinações dos mais antigos e, consoante os cursos ou as instituições de ensino, manter o olhar orientado para o chão, evitando observar o rosto dos colegas que estão a praxar, ou para a frente. Tudo isto confere a estes momentos de praxe uma aparência quase militar: os corpos dos novos estudantes ocupam o espaço, movimentam-se ou permanecem imóveis de acordo com as palavras proferidas pelos seus colegas mais antigos na instituição, que devem escutar de forma atenta e mesmo reverencial. Aos caloiros, que exibem normalmente peças de vestuário ou acessórios que permitem a sua rápida identificação enquanto caloiros de um determinado curso e, por vezes, cartões de identificação que transportam pendurados ao peito, é retirada qualquer iniciativa: devem fazer o que os mais velhos mandam ou esperar e ouvir as suas instruções em silêncio e imóveis, permanecendo nos locais e posições corporais determinadas pelos segundos, focando a sua atenção nas suas palavras. Os mais velhos envergam quase sempre o traje académico, indumentária que, em contexto de praxe, os investe de autoridade (ainda que haja academias em que quem está nos lugares cimeiros da hierarquia académica o possa dispensar quando está a praxar), e aqueles que usam mais vezes da palavra e que orientam as ações dos caloiros seguram frequentemente uma moca ou uma colher de pau de grandes dimensões. Estes objetos investem de autoridade o seu portador, que se torna o centro único da atenção. É, aliás, bem visível a intenção dos mais velhos de apresentarem apenas uma voz de comando, bem identificável por todos os presentes. Enquanto os vários estudantes presentes se aglomeram em redor dos caloiros, por vezes formando círculos que quebram o contacto visual entre aquilo que acontece dentro e fora do espaço onde decorrem as atividades de praxe, passando o tempo observando o desenrolar dos acontecimentos, fazendo comentários jocosos, retransmitindo ordens e corrigindo alguma alteração no posicionamento dos estudantes praxados, os estudantes que comandam as atividades estão posicionados em frente aos segundos, numa posição

central, na posse da moca ou colher de pau que, qual “cetro do poder” (Nunes, *As Insígnias da Praxe Académica na Alma Mater Studiorum Conimbrigensis*, 2009), os torna reconhecíveis por todos enquanto quem dirige a atividades e tem prioridade na utilização da palavra.

As atividades que os mais antigos trazem planeadas para os seus colegas recém-chegados são de natureza diversa: partidas em que se geram situações intimidatórias mas fictícias, jogos e charadas, canções e palavras de ordem, muitas vezes específicas de um determinado curso e que quase sempre contêm vernáculo e muitas vezes utilizam o sexo, visto a partir de uma perspetiva masculina e até machista, como ingrediente que pretende escandalizar, exercício físico, testes de superação da repugnância, ações de voluntariado ou peditórios para instituições de solidariedade social, sessões de informação sobre a praxe, visitas à cidade onde se encontra a instituição de ensino superior, encenação de atos sexuais.

Em entrevista e em conversas mantidas durante as sessões de observação, vários praticantes da praxe explicaram-nos que o seu objetivo principal consiste em submeter os caloiros a um tratamento comum, colocando-os perante situações que estimulem a solidariedade mútua, o espírito de grupo, a capacidade de sacrifício, a valorização das tradições estudantis, o respeito por quem está numa posição de autoridade, o espírito de sacrifício, a desenvoltura. Por isso, ela é vista como uma atividade pedagógica que, parafraseando um dos nossos entrevistados, transforma miúdos em adultos. Este é o conteúdo moral dos rituais da praxe de que os seus praticantes se mostram conscientes, mas a observação mostrou-nos que ele é mais vasto. Da moral que o ritual consagra como virtuosa fazem parte a obediência inquestionada à ordem do superior hierárquico e o conformismo face ao seu poder, o hedonismo, o espírito gregário, o consumo de álcool como catalisador da diversão e das sociabilidades hedonistas, e certos elementos de uma cultura machista que, historicamente, se encontra associada ao mundo estudantil e aos seus costumes (Estanque, 2016): nas letras das canções que se cantam na praxe estão presentes a hipervalorização da pujança sexual masculina, que não se separa da censura moral da sexualidade feminina nem da ridicularização da homossexualidade.

Esta vertente disciplinar distingue os caloiros dos restantes jovens que se encontram na mesma faixa etária, ao mesmo tempo que os separa da sua identidade passada, assinalando a importância simbólica da entrada no ensino superior enquanto momento de transição entre fases distintas da vida. Na praxe, os novos estudantes do ensino

superior recebem um novo nome (o nome de praxe, uma alcunha geralmente zombeteira pela qual o estudante passa a ser conhecido na praxe) ou, em alguns casos, um número, através do qual passam a ser conhecidos enquanto participantes nos rituais. Passam também a envergar uma nova indumentária condizente com o estatuto recentemente adquirido, que apresenta frequentemente as marcas da chamada “praxe suja”, ou seja, de atividades que implicam sujar a roupa e o corpo do caloiro (geralmente o rosto) com uma grande diversidade de substâncias, em muitos casos alimentares, mas que podem também ser de outros tipos. Durante as práticas de praxe, os novos estudantes concentram a sua atenção nas atividades em que se envolvem, mais especificamente num foco planeado pelos seus colegas mais velhos. O modo como são agrupados faz com que a presença de cada um não possa ser ignorada pelos outros, promovendo-se muitas vezes o contacto físico entre eles (é comum circularem dois a dois, de mão dada, pelas cidades ou envolverem-se em diversos tipos de jogos e simulações, entre os quais se incluem simulacros sexuais, que implicam contacto físico). Ela inculca também, de forma predominantemente (mas não totalmente) consciente o conteúdo moral, complexo e contraditório, que descrevemos no parágrafo anterior e consagra símbolos como o traje, as cores do curso, a moca, a tesoura e a colher de pau, “objetos sagrados” (Collins, 2009) em muitos casos interditos aos caloiros, investidos de um forte simbolismo e que produzem o efeito de tonar identificável e acionável o poder dos estudantes que os ostentam. Como vimos anteriormente, todas estas características da praxe fazem parte dos ingredientes considerados por Collins como necessários para que o ritual possa ser conseqüente e produza efeitos sobre a realidade social; no entanto, falta-lhe ainda um elemento fundamental: a energia emocional que gera a efervescência coletiva, ou seja, um sentimento intenso que contagia todo o grupo, crescendo e retroalimentando-se entre os participantes do ritual através das suas interações. Não é que não se verifiquem algumas situações que ensaiem esses sentimentos a espaços, quando os caloiros cantam e executam coreografias – sobretudo quando o fazem como forma de afirmação da união e força coletiva da instituição ou curso específico a que pertencem em jeito de disputa com outros grupos de estudantes em praxe presentes no mesmo local - ou participam em certos jogos que, mais do que pôr à prova ou ridicularizar os caloiros, como é comum nas atividades de praxe, parecem ter a intenção de os divertir. No entanto, tais situações são ocasionais, predominando um ambiente coercivo, disciplinador e pontuado por situações desconfortáveis, marcadas pela ridicularização dos novos estudantes e pela sua submissão ao poder, essencialmente

simbólico, como já se disse, exercido pelos colegas mais velhos. No entanto, tal energia, essencial para o sucesso do ritual, é abundante na outra vertente da praxe: aquela que é marcada pelo hedonismo, e que analisaremos de seguida.

4.3. A “praxe hedonista”

A energia emocional partilhada e retroalimentada, ou a efervescência coletiva, que se encontra na base dos sentimentos de solidariedade, pertença e identidade comum gerados pelos rituais eficazes, que se cristalizam em símbolos e produzem a crença na virtude das normas e valores do grupo, produz-se sobretudo em momentos de praxe que se diferenciam em grande medida daqueles que descrevemos acima. E diferenciam-se porque se verifica um relaxamento da disciplina que é exercida sobre os corpos, as palavras e as ações dos caloiros e porque a formalização e a repetição soçobram parcialmente, o que abre algum espaço para a iniciativa destes e para a espontaneidade, gerando-se um ambiente mais leve e onde a oposição entre os papéis de quem praxa e quem é praxado se esbate. No entanto, esta diferenciação entre os dois tipos de praxe nunca é total, uma vez que aquele que é o princípio basilar que rege as interações entre os novos estudantes e os seus colegas mais velhos em contexto de praxe – os primeiros devem obedecer às ordens dos segundos, aceitando e submetendo-se ao poder que os lugares mais elevados da hierarquia rígida e auto-justificada lhes conferem – continua presente entre os participantes e visível para o observador externo, ainda que de forma menos ostensiva. Em momentos como os jantares de praxe ou os cortejos de estudantes que cantam e ostentam pelas cidades os “objetos sagrados” do ritual, afinal símbolos da identidade que constroem e que os diferencia quer de quem não é estudante, quer de quem, sendo-o, rejeita a praxe, são ainda os mais velhos que dirigem as atividades. No primeiro caso, a sua autoridade manifesta-se pelo facto de serem eles quem primeiro se senta, mas não sem antes determinarem também os lugares dos caloiros (como observado em Coimbra). No segundo caso, e ainda que o ambiente seja festivo e descontraído, são os mais velhos que escolhem quais as músicas que serão cantadas pelos seus colegas recém-chegados e quando o serão, comandando os segundos através de palavras de ordem gritadas de forma entusiástica, por vezes com a ajuda de altifalantes, e dirigindo os movimentos coletivos que acompanham os cânticos com as suas colheres de pau e mocas.

Os cortejos de estudantes pelas cidades – sobretudo aqueles mais performativos e cerimoniais, e conseqüentemente mais distintivos dos estudantes que aderem à praxe enquanto grupo, como são as “Latadas”, consistem em momentos de celebração, reforço e demarcação identitárias especialmente importantes pela intensidade da energia emocional partilhada que geram. As Latadas de Coimbra e do Porto são casos exemplares. Nestes eventos, que perturbam a ordem quotidiana das cidades, forçando cortes de trânsito nas zonas centrais, espalhando lixo pelas ruas e permitindo a subversão de várias restrições e regras de conduta que pautam os comportamentos habituais do dia-a-dia (permitindo-se o consumo excessivo de álcool e tendo-se observado em Coimbra estudantes a urinar na rua e a banharem-se vestidos em fontes da cidade), os estudantes partem de espaços de grande importância simbólica para as universidades destas cidades (a Porta Férrea em Coimbra e a Praça Gomes Teixeira no Porto) e marcham por zonas emblemáticas desses centros urbanos, perante o olhar de uma multidão de espetadores composta pelos seus familiares e amigos, mas também por muitos curiosos, vasta plateia que observa o espetáculo sem nele participar. O desfile decorre com os estudantes de cada instituição aglomerados em grupos que se distinguem facilmente pelas cores do vestuário, pelas tarjas com mensagens identitárias exibidas, e pelos cânticos que afirmam o orgulho de pertencer a um determinado curso ou instituição, ao mesmo tempo que proclamam a sua superioridade face aos estudantes de outras instituições, que são os protagonistas de letras que, entoadas a plenos pulmões, os rebaixam e provocam. Aos cânticos juntam-se as palavras de ordem, as instruções transmitidas pelos mais velhos através gritos ou de megafones, o chocalhar dos cordões de latas que estudantes trazem presos ao corpo (Porto) ou o estampido contra o solo das latas que os caloiros de Coimbra transportam presas aos tornozelos e os sons produzidos por buzinas e instrumentos de sopro e de percussão, alguns deles improvisados. A Latada enche a cidade de um imenso ruído impossível de ignorar, ao mesmo tempo que os elementos visuais - os trajes académicos que os mais velhos envergam, as tarjas, as roupagens e os acessórios (muitas vezes inusitados) com as cores dos cursos e os cachecóis agitados no ar e, em Coimbra, os disfarces carnavalescos – identificam claramente quem pertence ao ritual e quem apenas o observa a partir de fora. O entusiasmo com que cada grupo de estudantes entoa os cânticos e grita as palavras de ordem contagia todos os participantes e é visível nas expressões faciais e nos movimentos e posturas dos corpos, ganhando ímpeto quando ocorrem disputas (também verificadas, como já referimos, nas praxes disciplinares, quando diferentes

grupos de estudantes em movimento se cruzam pelas cidades) entre cursos ou instituições, em que os estudantes de cada lado procuram sobrepor as suas vozes aos do outro lado. Os mais velhos perdem algum do controlo sobre a situação: por vezes, são os caloiros que tomam a iniciativa de cantar, e quando surge a ordem para pararem de o fazer nem sempre a acatam imediatamente.

Nestes momentos encontram-se reunidos todos os ingredientes identificados por Collins para que o ritual possa ter sucesso. O mesmo acontece nas mostras de Bragança, que consistem num momento em que novos estudantes de cada curso, perante caloiros e praxistas de toda a academia, reproduzem canções inéditas ou adaptações de sucessos populares em cima de um palco. O final de cada atuação é assinalado com o hino do curso, cantado entusiasticamente, com uma mão sobre os genitais e outra sobre o peito, no caso dos rapazes, ou uma mão no peito e outra atrás das costas, no caso das raparigas, e acompanhado de forma enfática pelos colegas que estão na plateia, geralmente em pé. Ao longo do espetáculo eclodem na plateia múltiplas disputas entre cursos, muitas vezes encorajadas pelos mais velhos, mas que estes têm depois alguma dificuldade em encerrar. Enquanto estas duram, os caloiros e alguns colegas mais velhos gritam provocações e insultos a plenos pulmões, acompanhados por oscilações dos corpos e movimentos dos braços na direção do grupo adversário. A semelhança com as disputas que se podem observar entre claques rivais durante um jogo de futebol é evidente, e ambos são um fenómeno de reforço de identidade de grupo através do confronto com um rival externo. O ambiente é festivo e o espetáculo acaba com todos os presentes a cantar o hino da sua academia e repetir palavras de ordem de pertença coletiva, permanecendo em poses respeitadas ou erguendo cachecóis alusivos à mesma. Neste momento, as rivalidades entre escolas e cursos dissolvem-se, e todos são estudantes da mesma academia, cujas iniciais gritam em uníssono, de forma arrebatada. O ruído produzido é ensurdecador e prolonga-as por vários minutos. Terminado o ritual, os estudantes abandonam o local, alguns a caminho de casa, muitos dispostos a prolongar a noite nos vários bares e discotecas da cidade.

4.4. A dupla face da praxe e a eficácia dos rituais

Podemos, portanto, ver a praxe como um conjunto de práticas ritualizadas com duas faces: a primeira, que corresponde àquilo que aqui designamos de “praxe disciplinar”, é predominantemente programada, rígida e dura; a segunda, a “praxe hedonista”, é

divertida, festiva, e abre espaço à espontaneidade e iniciativa dos caloiros. Como fomos também mostrando ao longo deste texto, os dois momentos, ainda que separáveis do ponto de vista analítico, não se contradizem nem se excluem completamente: a “praxe disciplinar” integra jogos, cânticos, coreografias e disputas entre cursos em que o controlo sobre as ações dos caloiros relaxa e estes se mostram divertidos ou mesmo entusiasmados com aquilo que estão a fazer, ao mesmo tempo que a “praxe hedonista” continua a ser dirigida pelos mais velhos, ainda que de forma menos rígida, e a submissão ao seu poder por parte dos mais novos é sempre visível. As duas contribuem para a produção de determinados efeitos sociais duradouros, que transcendem o espaço-tempo que enquadra as interações que constituem a praxe, tal como a construímos do ponto de vista conceptual neste texto. Relembramos que os rituais bem-sucedidos, para Collins, produzem sentimentos de pertença a um grupo, objetos e símbolos que cristalizam esses sentimentos e crença no valor moral das normas do grupo. As atividades da “praxe disciplinar” contribuem sobretudo para a interiorização, por parte dos mais novos, das regras do grupo, destacando-se a disciplina, a união do grupo, a solidariedade entre iguais e o respeito e obediência devidos a quem se encontra num posto hierárquico superior. Mas, se aceitarmos a proposta teórica de Collins que orienta esta análise, é a praxe hedonista que cria as condições para que o grupo se possa cimentar em torno desses mesmos valores, ao conter momentos de efervescência coletiva muito intensos que sustentam os sentimentos e os símbolos de identidade comum e de pertença a um grupo e fornecem as experiências “inesquecíveis”, para utilizar os termos em que quem as viveu se refere às mesmas, que ancoram a crença na virtude moral da praxe.

A eficácia do ritual da praxe na criação de um quadro moral comum ao grupo é revelada através do trabalho de campo intensivo que informa este trabalho. Em conversas formais (entrevistas) e informais, mantidas durante os momentos de observação, o discurso de estudantes mais velhos surge alinhado com o dos mais novos: a praxe prepara para o futuro profissional e para a necessidade de obedecer aos chefes com que, nesse contexto, se irão deparar. Quer isto dizer que o princípio basilar da praxe, a submissão ao poder hierárquico, é aceite e projeta-se para cenários que serão vividos depois do ensino superior. Mas ele também faz parte de contextos passados como a família e a escola, e presentes, como a universidade – de onde, de resto, o universo da praxe colhem muitas e visíveis influências (Estanque, 2016) (Frias, 2003). E ele manifesta-se no modo como, quando abordados por nós no decurso do trabalho

de campo, os estudantes de algumas cidades frequentemente nos diziam que a decisão de colaborarem ou não com o nosso estudo teria de passar necessariamente pelos órgãos que, constituídos pelos estudantes mais antigos, regem a praxe. Para além disso, esse princípio de obediência, embora se esbata quando as interações entre estudantes decorrem fora de contextos de praxe, não se extingue totalmente na vida estudantil que se situa para lá dos anteriores: através das entrevistas que conduzimos, ficámos a saber que alguns estudantes mais novos tendem a dispensar um tratamento reverencial aos mais antigos nas suas interações quotidianas, utilizando para tal o título (por exemplo, “doutor”) que decorre do posicionamento dos segundos em lugares privilegiados da hierarquia formal da praxe, e que as relações de autoridade se podem revelar, por exemplo, no momento em que é preciso decidir quem é que lava a loiça depois de um jantar na casa de amigos. Desta forma, não é excessivo afirmar que a praxe estratifica estudantes, atribuindo-lhes estatutos e papéis diferenciados de acordo com a sua antiguidade no ensino superior que, por sua vez, determina o lugar ocupado na hierarquia, lugar esse a que se associa um poder que, como estes casos revelam, transcende os espaços-tempos em que decorrem as interações de praxe e coloniza subtilmente, ainda que de forma apenas parcial, as sociabilidades estudantis. Entre os estudantes mais velhos é possível encontrar múltiplos estratos hierárquicos que se prendem com o número de matrículas nos cursos. Assim, os estudantes que já contam com mais inscrições do que aquelas de que necessitariam para terminar o respetivo curso (os “veteranos”, na designação da praxe coimbrã) ocupam o topo da hierarquia, podendo integrar os órgãos que regem a praxe e ambicionar ser escolhidos como a sua máxima autoridade numa determinada academia. Porém, a divisão fundamental que a praxe opera é aquela que separa quem acaba de chegar ao ensino superior de quem já lá se encontra, uma vez que é ela que determina quem tem a legitimidade, aos olhos do grupo, para dar ordens que devem ser cumpridas e quem deve apenas obedecer. Esta relação de poder, uma vez considerada legítima, algo para que contribuem não só as interações ritualizadas que acabámos de descrever mas também todos os formalismos que caracterizam o universo da praxe, incluindo documentos como os códigos de praxe e a sua aceitação com poucas ou até nenhuma reservas por várias instituições de ensino superior, passa ser uma relação de poder simbólico, isto é, aceite pelos dominados não como um arbítrio, mas sim como um estado de coisas natural, logo inquestionado (Bourdieu, 1989a, 1989b).

Os estudantes envolvidos na praxe declaram acreditar nas vantagens deste conjunto de rituais quando eles são bem praticados, referindo amiúde que, para além de consistirem em momentos irrepetíveis que produzem experiências memoráveis e laços de amizade intensos e duradouros, unem o grupo, integram os novos estudantes, preparam-nos para o futuro e ajudam-nos a desenvolver novas competências pessoais. Adotando uma atitude de defesa preventiva clara, o que poderá estar relacionado com a crescente controvérsia pública que a praxe tem vindo a suscitar nos últimos anos, ouvimos repetidamente os nossos entrevistados dizer que a praxe é incompreendida, que os episódios de violência e humilhação que acontecem durante os seus rituais não são mais do que acidentes que podiam acontecer em qualquer outra situação, e que no seu curso ou instituição de ensino estão vigilantes contra esses momentos, procurando promover uma praxe que una, divirta e eduque quem nela participa. Esta crença nas virtudes da praxe, que deve igualmente ser vista como um dos resultados de um conjunto de rituais bem-sucedidos, leva mesmo alguns estudantes a declarar incompreensão perante quem repudia esse fenómeno e defende a sua supressão (postura conhecida como “anti-praxe”, ainda que a palavra também seja usada para classificar os estudantes que recusam participar na praxe, mesmo que não condenem a sua existência). A este respeito, é exemplar o forte desagrado que muitos dos praticantes da praxe com quem interagimos ao longo desta investigação mostraram relativamente a conhecidas declarações públicas sobre o fenómeno proferidas por Manuel Heitor (Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do XXI Governo Constitucional), que o qualificou como “prática fascizante” ou “praga” que tem de ser combatida (Lusa, 2016).

5. Conclusão

Propusemo-nos a analisar a praxe académica partindo do conceito de ritual e utilizando dados produzidos pela proximidade etnográfica com os estudantes, com recurso a técnicas como as entrevistas e a observação. Encontrámos um conjunto de interações ritualizadas que vincam a fronteira entre quem está na praxe e quem não está, reforçando assim uma identidade comum entre os primeiros. Parte dessas interações são dominadas pelo exercício de poder arbitrário e inquestionável por parte dos que estão há mais tempo nas universidades e politécnicos, que programam e dirigem um conjunto de atividades quase sempre marcadas por algum tipo de violência e onde há pouco ou nenhum espaço para a iniciativa dos caloiros, que, por sua vez, se devem limitar a seguir instruções. Mas encontrámos também outro tipo de rituais, onde o peso

da hierarquia está presente, mas de forma mais subtil e permissiva: jantares hedonistas, cortejos e outros momentos festivos e carnavalescos, marcados pela intensidade das emoções positivas coletivamente partilhadas e pela ostentação de símbolos identitários pelas cidades. Os primeiros momentos separam quem praxa de quem é praxado, os segundos, quem é estudante de quem não é estudante, os dois criam uma oposição entre os estudantes que estão na praxe e os que não estão na praxe. Os primeiros transmitem aos mais novos as normas, notoriamente as relações de poder, e os valores que regem o funcionamento do grupo, os segundos produzem e sustentam o sentimento de pertença coletiva e a crença no valor moral desse conjunto de valores e normas. Os dois, aparentemente contraditórios, conjugam-se para fazer das interações de praxe rituais que criam um grupo específico e a sua identidade, vinculam indivíduos a esse grupo, e socializam-nos de acordo com um determinado conteúdo moral e cultural

Nota

Os autores do texto escrevem segundo o novo acordo ortográfico

Referências

- Bourdieu, P. (1989a). O poder simbólico. Lisboa: Difel.
- Bourdieu, P. (1989b). Social space and symbolic power. *Sociological Theory*, 7 (1), 14-25.
- Collins, R. (2009). Cadenas de rituales de interacción. Barcelona: Anthropos.
- Dias, D., & Sá, M. J. (2013). Rituais de transição no ensino superior português: a praxe enquanto processo de reconfiguração identitária. *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación*, 21 (1), 21-34.
- Dias, D., & Sá, M. J. (2014). Initiation rituals in university as a lever for group cohesion. *Journal of Further and Higher Education*, 38 (4), 447-464.
- Durkheim, É. (2002 [1912]). *As formas elementares da vida religiosa*. Oeiras: Celta Editora.
- Estanque, E. (2016). *Praxe e tradições académicas*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

- Frias, A. (2003). Praxe Académica e culturas universitárias em Coimbra. Lógicas das tradições e dinâmicas identitárias . Revista Crítica de Ciências Sociais, 66, 81-116.
- Lopes, J. T., Sebastião, J., Estanque, E., Mineiro, J., & Silva, J. P. (2018). Caloiros e doutores - um estudo sociológico sobre a praxe académica em Portugal. Lisboa: Mundos Sociais.
- Lusa. (2016). Ministro do Ensino Superior diz que a praxe é uma “prática fascizante”. Público online, 12 de Julho.
- Nunes, A. M. (2004). As praxes académicas de Coimbra: uma interpretação historicoarqueológica. Cadernos do Noroeste, 22 (1-2), 133-150.
- Nunes, A. M. (29 de 07 de 2009). As Insígnias da Praxe Académica na Alma Mater Studiorum Conimbricensis. Obtido em 09 de 12 de 2017, de Blog Notas&Melodias: notasemelodias.blogspot.com/2008/07/notas-sobre-origem-das-insignias-de.html
- Revez, A. M. (2000). "Dura Praxis, Sed Praxis" - Relações de Poder e Moral na Praxe Académica de Évora. Arquivo de Beja, 13 (3), 89-129.
- Ribeiro, R. (2000). As Lições dos Aprendiz: as Praxes Académicas na Universidade do Minho. Braga: Tese de Mestrado, Universidade do Minho.
- Van Gennep, A. (1909). Les Rites de Passage. Étude Systématique des Rites. Paris: Émile Nourry.